

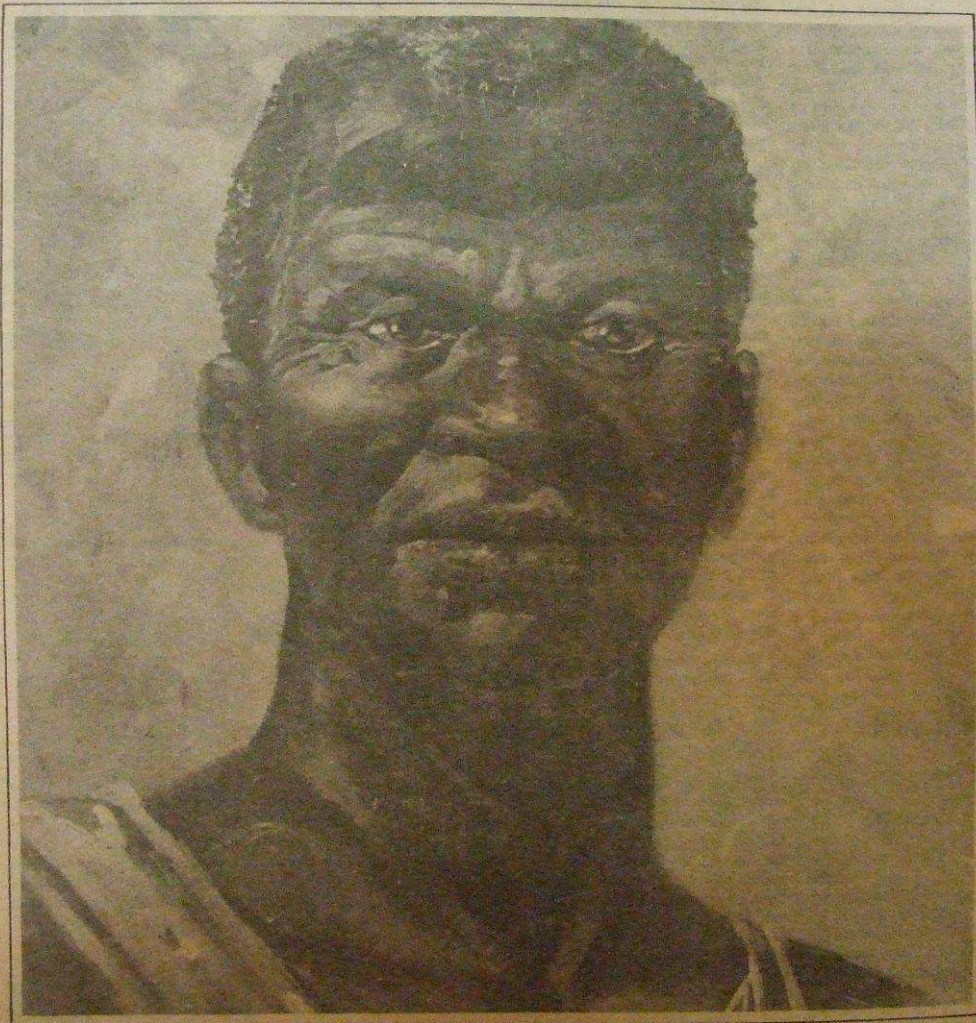


NEGRITUDE

Cz\$ 30,00

EDIÇÃO ESPECIAL - ANO-III - Nº 5 - MAIO DE 1988

ZUMBI



O nosso abolicionista

Tortura. Nunca mais?

A escravidão negra foi pródiga em criar todo um arsenal de objetos de tortura para massacrar os escravos. A folha de flandres, o vira-mundo, tronco, pelourinho e o famoso pau-de-arara, fizeram parte do dia a dia do povo negro. Curiosamente, apesar de toda essa parafernália criada para martirizar, o negro entrou na História do Brasil não como torturado, mas como "castigado", "maltratado"; o negro "bom e manso" que sofria castigo do sinhozinho mau. Por que não torturado? Simples. O negro entrou na História do Brasil como um povo vencido e sem vontade própria, incapaz de se rebelar, capaz apenas de pedir, implorar. O negro, na História, é uma criança que, constatada a "travessura", apanhava do sinhozinho.

A palavra "tortura" só é empregada quando a vítima, geralmente branca e bem nascida, contesta um governo autoritário qualquer. Para um preso ter o direito de denunciar uma tortura de que foi vítima, é necessário que ele seja enquadrado na qualidade de "preso político" um intelectual, versado no marxismo ou não. A tortura, paradoxalmente, tornou-se uma coisa nobre, digna apenas dos super-homens contestadores. O povo negro não entrou na História com esse "status", nem ontem nem hoje.

Achamos necessário alguns esclarecimentos a esse respeito.

O Brasil é um país que ainda não completou quinhentos anos. Desses, quase quatrocentos foram de tortura diária — e legalizada. A vítima dessa tortura secular não foi outra senão a raça negra. O pau-de-arara, ao contrário do que se pensa, não é uma invenção dos militares. É uma invenção antiga, e o negro convive com ela desde o primeiro navio negreiro até hoje, nas diversas delegacias periféricas, na qualidade de "presos comuns".

PAÍS TORTURADO

A tortura, no Brasil, não se acaba quando sai um regime violento e entra um "democrático", pelo menos para os negros.

A tortura não é um mero episódio histórico. Ela se confunde com a própria História do Brasil, um país que desde a sua "descoberta" se afoga em rios de sangue. Recentemente, um menino negro, Josias André Viana, foi preso. Pela regra, não foi torturado. Apenas levou alguns tabetes,



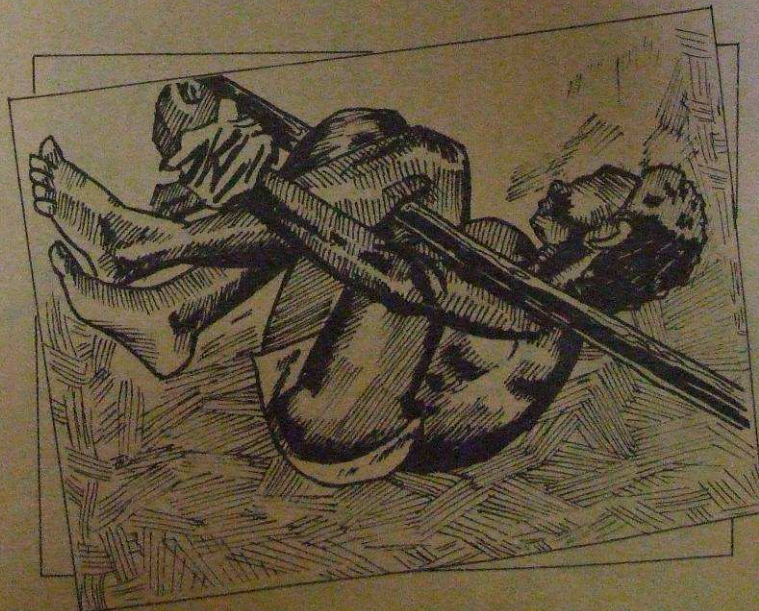
alguns "telefones" nos ouvidos e ainda foi obrigado a lavar a delegacia. Apesar de tudo isso, o garoto Josias apenas "apanhou". Se ele fosse branco e preso político, o conceito mudaria e a palavra tortura passaria a ser empregada normalmente. Mas como, dentro dos moldes clássicos, ele não é um preso político, nosso irmão apenas "apanhou" de po-

liciais maus, assim como seus ancestrais "apanhavam" dos sinhozinhos sem coração.

O grande mal dos brasileiros brancos, principalmente aqueles que em algum momento da História tiveram seus filhos torturados por algum regime prepotente, é não olhar para trás, é não se livrar da imagem estereotípica, paternalista, que ele tem do povo

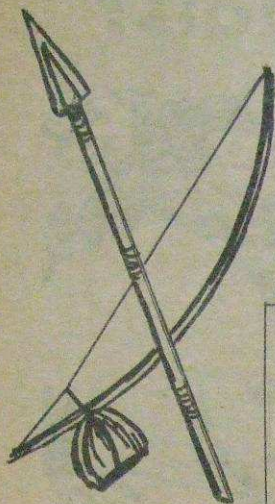
negro, não o exergando como um ser político e revolucionário, mas tão somente como lamentador.

Se olhassem, certamente conceberiam o Brasil de forma diferente, e descobririam, olhando uma gravura sobre a escravidão, que o instrumento de tortura que matou seu filho é o mesmo que martirizou o povo negro por quatro séculos.

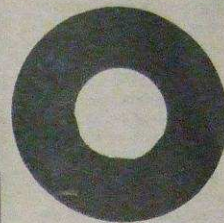


Heróis da R

No ano do centenário da "ABOLIÇÃO", homenageamos os heróis do nosso povo, aqueles que deram suas vidas pela liberdade. Alguns deles não têm rosto nem data de nascimento, mas o que fizeram ficou — e vai permanecer — registrado para sempre na memória de nossa comunidade.



PRETO COSME — Líder de um dos maiores quilombos do Brasil Cosme aterrorizou a comunidade branca do Maranhão. O quilombo do qual era líder, tinha, segundo estimativa da época, onze mil combatentes. Em 1835, Cosme aliou-se a um grupo de opositoristas brancos, denominado "bem-te-vis", que contestavam o poder do império. O quilombo de Cosme se transformou num braço armado desse grupo de opositoristas, que prometiam, após a emancipação, libertar todos os escravos, daí a simpatia e o engajamento de Cosme. O império mandou o exército prender os "bem-te-vis". Acordado, esse grupo traiu Cosme, entregando-o ao exército, em troca de sua própria liberdade. O quilombo foi destruído e Preto Cosme foi enforcado pelo Duque de Caxias.



MATEUS DAMBI — De um certo modo Mateus Dambi teve sua participação, na luta pela liberdade do negro, ofuscada por ser ele membro do maior quilombo do Brasil, o dos Palmares. Mais o fato é que Mateus Dambi foi um dos grandes combatentes dos Palmares. Ao ser preso, entrou no relatório de um militar português como "Negro Arrogante". Não ficou mais famoso porque viveu ao lado de um gênio militar — Zumbi dos Palmares.

LUÍZA MAIM — Não se sabe se Luíza Maim nasceu no Brasil ou na África. Sabe-se, no entanto, que ela participou de grande revolta na Bahia.

Era mãe do abolicionista Luis Gama que foi vendido pelo pai, um português, para pagar a dívida de jogo. Alguns historiadores admitem que Luíza Maim tenha sido deportada para África. Se isso realmente aconteceu, não deixa de ser um fato curioso. Para os brancos, a deportação foi um castigo; para Luíza Maim, uma volta às origens.



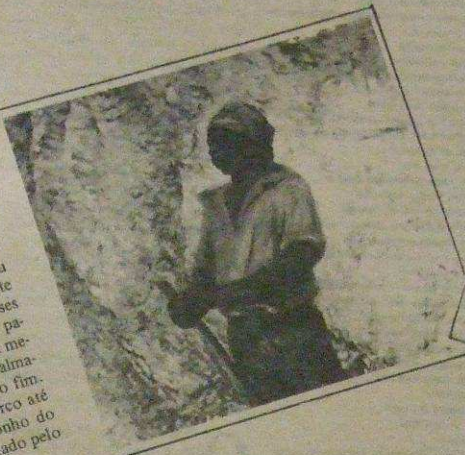
EMILIANO MANDARACU — Escravo de um engenho Pernambucano. Em 1823, profundamente inspirado pela revolução negra do Haiti, Emiliano formou um poderoso exército e invadiu Recife. Uma batalha terrível foi travada. O forte do Brum foi cercado, o objetivo de Emiliano era evidente: tomar o poder e formar uma república negra. Com o tempo, as munições foram se esgotando e o poder de fogo diminuiu drasticamente. Foram derrotados.

Não há indícios de como morreu Emiliano. Pode ter sido enforcado. Depois dessa revolta, os brancos radicalizaram ainda mais o controle sobre os negros, criando leis proibindo agrupamento nas ruas do Recife, vetando o uso de qualquer arma, seja de fogo ou de corte, e até mesmo o hábito de assoviar de "maneira suspeita". O quase êxito da revolta de Emiliano deveu-se ao fato de muitos dos combatentes serem da milícia, existindo, inclusive, um ou dois oficiais.



Resistência

ZUMBI DOS PALMARES — O maior herói de nossa História. Foi Zumbi quem, durante muitos anos, esteve à frente do maior quilombo do Brasil, Palmares, lutando contra as investidas dos governos da época. Zumbi dos Palmares nasceu no próprio quilombo. Durante uma investida dos holandeses foi capturado e doado a um padre português. Porém, ainda menino, voltou fugido para Palmares, onde permaneceu até o fim. Suportou três anos de cerco até a destruição total do sonho do povo Negro. Foi assassinado pelo Branco "cordial" em 1665.

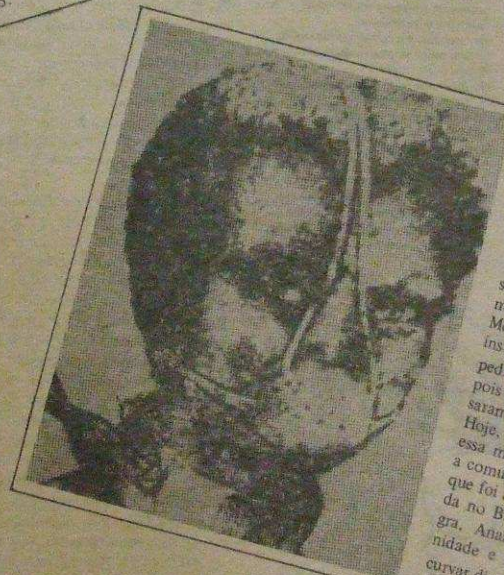


JOÃO CANDIDO — Líder da revolta da chibata, que no início do século lutou contra as torturas cometidas dentro da Marinha Brasileira. João Cândido comandou diversos navios da marinha; até hoje essa revolta não é contada dentro da História do Brasil. A revolta dos marinheiros, como também ficou conhecida, foi um grande acontecimento na história do negro neste século.

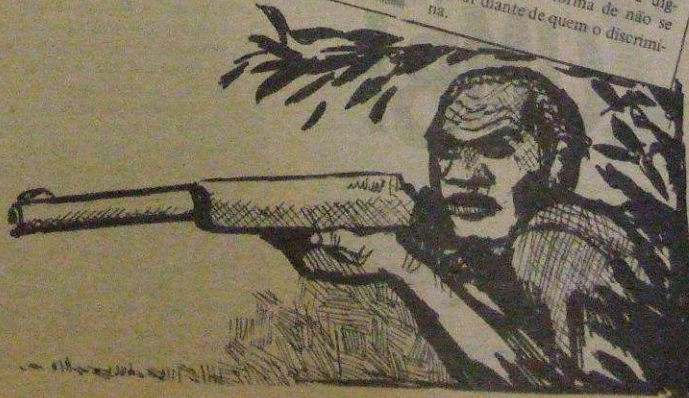
Pacífico Licutan — Líder da Revolta dos Malês. Em janeiro de 1835, um numeroso grupo de escravos se rebelou contra a escravidão. Preso em novembro de 1834, penhorado por seu dono que não tinha dinheiro para pagar uma dívida contraída com os frades beneditinos, Pacífico Licutan não teve participação na batalha travada na madrugada do dia 25 de janeiro, mas foi ele quem organizou e preparou os combatentes para a guerra, além de ensinar, em árabe, os fundamentos da religião muçulmana.

A Revolta dos Malês não teve sucesso porque foi traída. Por duas vezes os revolucionários, em plena batalha, cercaram a delegacia para soltar Pacífico, só não conseguindo porque a polícia, já sabendo dessa intenção, formou um pelotão em volta do prédio. Na manhã do dia 25, a Revolta dos Malês estava controlada. Ao ver seus companheiros acorrentados chegando à delegacia, Pacífico Licutan, o revolucionário negro que planejava tomar o poder dos brancos, abaixou a cabeça e chorou, não o choro do arrependimento, mas o choro da revolta contra os traidores.

Foi torturado com mil chicotadas.



Anastácia — Conta uma das várias lendas que Anastácia era princesa na África. Escravizada na Bahia, recusou essa condição e passou a estimular os negros à revolta. Por isso, foi torturada e sua boca fechada com uma boqueira de ferro. Ainda assim, Anastácia continuou a estimular revoltas através de gestos. Morreu de gangrena, devido ao instrumento de tortura que impedia a circulação do sangue. Depois de sua morte, os negros passaram a considerá-la como santa. Hoje, brancos e negros cultuam essa mulher que simboliza, para a comunidade negra brasileira, o que foi a tortura institucionalizada no Brasil. Para a mulher negra, Anastácia simboliza a dignidade e uma forma de não se curvar diante de quem o discrimina.



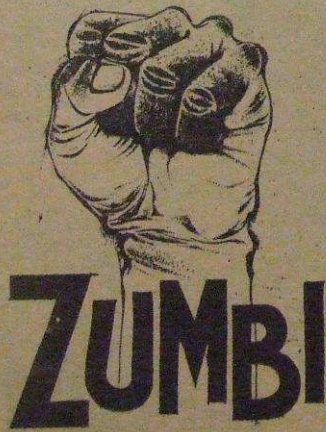
Haja poesia

HOJE É O MEU DIA

Hoje é o meu dia
Estou no calendário
Plano a sem questionamentos
As pessoas me discutirão
Como apereço nos livros:
Limpo forte sadio e vestido

Hoje é o meu dia
Farião dasenhos sobre mim
Com traços leves
Cara piedosa tipo preto-velho
Hoje é o meu dia
As igrejas tocarão sinos
E rezarão missas por
Minhi alma vivente e pelas
Meus irmãos massacrados mortos
A entrada será franca
Mas em minha memória antepassada
Fortesilus ressoam um tam - tam - tam
Que me fala e me mostra
As calçadas das igrejas
Cheias de negros
Por não poderem entrar
No interior sagrado dos cristãos
Hoje é meu dia
E o orgulho haverá de correr
Pela face do primeiro policial
Que no mar de ônibus
Fizer parar um
E eu
Dentro do mesmo
Por Ele
Serei o primeiro a ser revistado
Apalpado de baixo para cima
E de cima para baixo
O olhar desse policial
No meu olhar de negro negro
Faiscará um brilho ferino
De capitão do mito
Alumiando feito tocha inquisitória
Uma vitória de quatrocentos e
Oitenta e oito anos
Hoje é meu dia
Nas ruas estarei vendendo
Picolés amendoins engraxando sapatos
Sendo gazeteiro carroceiro juntando papel
Lavando carros varrendo as ruas
Hoje é o meu dia
Vou sair por aí

Carragado de pedaços dos palourinhos
Anjinhos máscaras de ferros
Pimentas no ênus
E o ressoar dos chicotes
Em minhas carnes charqueadas pelo sei
Hoje é o meu dia
E sei que durante
A minha trajetória
Pela grande cidade
Daré "branco" no branco
E meu andar será visto
Como de um ginger sambista
Repez de zfoxé dançador de capoeira
Jogador de futebol
Hoje é o meu dia
Mas em cada prisão do país
Continuo sendo maioria
E em cada escola existente
Uma criança negra abandonará
Os seus estudos para ir
À escola da vida ser biscateira
Hoje é o meu dia
E em cada calo das minhas mãos
(repetidamente ditas proguiçosas)
E rachaduras dos pés
tantas vezes perseguidos
Pelo "paga ladrão" "poga-ladrão")
A exploração da minha força de trabalho
Deixará claro branco
De qual lado
Se encontra o livro
Hoje é o meu dia
13 de maio
E é justamente à cada minuto de hoje
(como de ontem e do amanhã)
Que estará morrendo
(por ter fome e sofrer de inanição)
Uma criança minha despossuída e negra
Hoje é o meu dia
No qual escutarei prostituídas frases:
"é negro mas é bom"
"é negro mas é formado"
"é negro mas tem a alma branca"
Hoje
Hoje é o meu dia
13 - de - maio
E diante da grande mesa nacional
Misturado ao espoucar dos fogos
(tão propriamente ditos de artificiais)
Completo com anos de **ABOLIÇÃO**
Pedro Lourenço



Eu - Zumbi - Rei de Palmares
Tenho tarrairos e tamboras
E danço a dança do Sol
Eu Zumbi! Enfrento o vento que
ainda teria dasas cartas de alforria
Eu - Zumbi jogo por terra a caneta de ouro de todas as leis Áureas
Eu - Zumbi Rei de Palmares
Tenho tarrairos e tamboras e danço a dança do Sol

Adão Ventura

O mito da unidade nacional

A História do Brasil é repleta de mitos os mais escandalosos. Um deles diz respeito à famigerada Unidade Nacional através das três raças na luta que travaram contra o invasor. A História do Brasil é contada a partir do ponto de vista do vencedor. Disso ninguém tem dúvida. Acontece que o vencedor nunca fala a verdade. Preso a uma conveniência que atravessa séculos, o vencedor transforma a mentira em verdade absoluta, e vice-versa. Partindo desse princípio, o holandês entrou para a História na qualidade de invasor. Os portugueses não foram, também, invasores? Para eles e seus descendentes, não. Na História eles entraram como se fossem da própria terra. Ora, se levarmos essa polêmica para o lado da verdade verificaremos que invasores foram os portugueses e os holandeses.



rique Dias.

Outra barbaridade da História é aquela que fala da "união" das três raças na luta para expulsar o holandês do "solo pátrio". Exaltam, no intuito de justificar essa "unidade" racial, Felipe Camarão, índio, e Henrique Dias, negro, como se essas duas figuras históricas pudessem ser representativas das civilizações a que pertenciam.

Para a História do Brasil ser verdadeira seria bom começar explicando que o português e o holandês eram colonialistas e, que na guerra que travaram em Pernambuco, o objetivo dos dois era a dominação, era o expurgo sangrento contra os negros e índios. A situação de opressão do negro mudou pelo fato de Henrique Dias ter participado dessa guerra? A situação do índio mudou pelo fato de Felipe Camarão ter participado desse conflito? O fato é que Henrique Dias e Felipe Camarão lutaram por uma causa que não era a deles.

Quem entendeu isso no seu sentido pleno foram os negros palmarinos. Não foi à toa que Palmares floresceu enquanto organização social justamente nessa época em que portugueses e holandeses se matavam.

Por Henrique Dias ter participado dessa guerra, não significa que era a Raça Negra que estava participando. Como também é falso alegar uma hipotética unidade racial baseado nisso. O primeiro homem a morrer pela independência dos Estados Unidos era negro. A situação do negro norte-americano mudou por causa disso? Não mudou, assim como não mudou a do negro brasileiro por causa de Hen-

rique Dias. Quarenta e um anos depois de expulsar os "invasores hereges", os portugueses destruíram a ferro e fogo o sonho do povo palmarino. Com o correr dos séculos, outros quilombos foram destruídos com igual selvageria pelos portugueses e seus descendentes; nações indígenas foram exterminadas, tudo por conta da civilização branca e "cristã". Onde entra, nessa contradição toda, a famigerada "formação da nacionalidade brasileira"? Em lugar nenhum. Negros, brancos e índios sempre estiveram em lugares opostos.

Muita gente pergunta aos militantes negros se eles reverenciam Henrique Dias. A resposta é não. O movimento negro não nasceu para reverenciar os negros que disseram sim aos carrascos do seu povo; o movimento negro nasceu para homenagear os negros que disseram não. A única coisa que Henrique Dias provou nesse episódio é que ele era um negro assimilado, tão assimilado que foi várias vezes a Palmares na tentativa de destruí-lo.

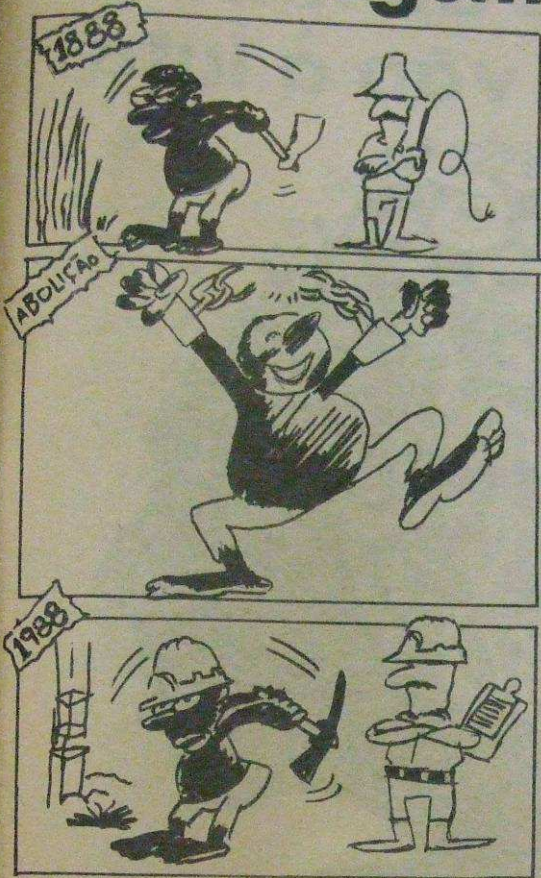
Existe um ditado africano que Henrique Dias, por ser assimilado, desconhecia no momento em que se prontificou a lutar numa guerra colonialista que nada tinha a ver com ele: "Quando dois elefantes brigam, quem sofre é a grama".

Os combatentes palmarinos conheciam muito bem esse provérbio; os escravos negros que, na calada da noite, fugiam para Palmares, também conheciam esse provérbio e o que ele significava.

Henrique Dias, quando o conheceu (se é que chegou a conhecê-lo), já era tarde.

Homenagem

Livros para ler, pensar e agir



- *Fala Crioulo*. Autor: Haroldo Costa. Assunto: Depoimento de personalidades negras.
- *Tornar-se Negro*. Autor: Neusa Santos. Assunto: Ensaio sobre o processo de assimilação do negro.
- *Raízes do Protesto Negro*. Autor: Clovis Moura. Assunto: Ensaio sobre a ascensão do movimento negro no Brasil.
- *Preto no Branco*. Autor: Thomas Skidmore. Assunto: Ensaio sobre o racismo no Brasil.
- *Os Tambores de São Luís*. Autor: Josué Montello. Assunto: Romance.



Memória I

Em 1967, o senador Bob Kennedy esteve no Brasil. Foi convidado para uma conferência e aceitou. A platéia estava repleta de intelectuais brancos. Logo que o debate foi aberto, o senador começou a ser bombardeado pelos "pensadores" da cultura brasileira. É que a distinta platéia estava "indignada" com a intolerância da sociedade branca no seu relacionamento com os negros. Bob Kennedy ouviu tudo

e respondeu mais ou menos o seguinte:
- Admito que o negro americano passa por grandes dificuldades por causa do racismo. Mas é bom reconhecer que lá eles têm representatividade e, apesar do sacrifício, frequentam algumas universidades do país, o que não acontece aqui, pois não vejo nenhum negro na platéia.
Nesse dia memorável, os racistas brasileiros não dormiram.

No ano do centenário da "Abolição", o Negritude homenageia os negros que tiveram a noite do Brasil como companheira da liberdade. Os negros que aproveitaram as noites sem lua para fugir, mesmo sabendo que, caso fossem agarrados, pagariam um alto preço pela ousadia de querer ser livre e dono de seu destino.

Os jornais do século passado estão cheios de anúncios sobre negros que anoieceram na senzala e amanheceram no mato, evitando estradas movimentadas, mas sempre em frente, sem olhar para trás, e alimentando a esperança de encontrar um quilombo acolhedor, um novo Palmares, um novo Zumbi.

A esses negros, cujos descendentes, hoje, continuam na luta pela dignidade e orgulho de pertencer ao povo que resistiu a 300 anos de escravidão e não foi exterminado, nossa eterna gratidão.

Axé

Memória II

Em 1956, o músico Dizie Guillespe esteve no Brasil e foi ao Country Club do Rio de Janeiro. Lá, percebeu que não havia negros como sócios, mas tão somente como carregadores de tacos de golfe e faxineiros.
- Por que? - perguntou o músico.
- Porque são pobres! - responderam os cicerones, todos brancos.
- Não - retrucou Dizie. - É porque vocês não deixam.



AVISO

Para quem pensava que Zumbi dos Palmares estaria condenado a ser apenas uma nota de rodapé na História branca, segue este aviso, pouco importante, para a comunidade negra brasileira, que o levem em conta ou não.
- Zumbi dos Palmares só morrerá se algum dia os negros o matarem.
(frase extraída do livro "Zumbi", de Joel Rufino dos Santos)



<p>Escravidão fugido - 30.5000 r. de arrendação e quem prender um escravo de nome Joaquim, de raça Senzala, fugido no dia 20 de julho de oitenta e oito, com os sinais seguintes: bem barbado, cabelos finos, bastante cabelo, de plantas dos pés para fora, quando pisar e corria quando pisar em fogo, o qual negro foi de Joaquim Pereira Pina e de João Maria Gueia, a Reverenda Padre Maximiano, em oitenta, os apresentadores poderão levar um Foral de Parias, detraído de tanto mais, sendo n.º 21, que recetado a 10 de Março de oitenta.</p>	<p>Escravidão fugido - No dia 7 de janeiro fugiu um escravo de nome Pedro do ganho de Anadia, com os sinais seguintes: magro, alto, nariz barbado, uma marca redonda na fronte do tamanho de uma moeda de vintém, o dedo encurvado ao polegar de um lado cortado pela falta da unha, os pés largos, cujo escravo se fugiu da outra vez; assentou preço por si ou si para servir em Fernando mata trapia que lá esteve e veio para Fátima onde foi entregue ao senhor e quem ou comprar quem o pegar ou tiver notícia, dirija-se a casa de Joaquim José Pereira em sua residência no Forno de Maria, que será recompensado.</p>
<p>(Diário de Pernambuco) 10 de outubro de 1827</p>	<p>(Diário de Pernambuco) 21 de janeiro de 1830</p>

Concurso de miss: as negras vão à luta



Antigamente, o sonho de qualquer moça branca era tornar-se miss. Para qualquer uma delas, chegar a esse ponto era o máximo da consagração. E com uma vantagem: não precisava ser intelectualizada, podia até ser burra, o que invariavelmente acontecia. Existe, a respeito da burrice crônica das miss brancas, um episódio ilustrativo. Uma delas, ao ganhar o concurso no seu Estado, foi visitar um escritor contrerrâneo seu, muito famoso. Ela chegou, sentou-se e começou a falar. Falou, falou, disse um bocadinho de besteira e depois, já se despedindo, perguntou:

— Mestre, que devo fazer para representar bem o nosso Es-

tado?

O escritor respondeu: Não abra a boca, minha filha! Pelo amor de Deus, não abra a boca!

Com o tempo, alguma coisa começou a mudar. Em 1986, a miss Ceará perdeu o que ela mais sonhara na vida: a eleição de miss Brasil. Inconformada, comentou para um grupo de jornalistas: "perdi para uma macaca". A macaca, no caso, era Daise Nunes. Em 1988, uma moça muito bonita desfilou na passarela. Ela acabara de ganhar o concurso de miss Pernambuco. Seu nome: Ana Maria Guimarães. A tradição manda que se jogue flores na vencedora. No caso de Ana, a tradição foi quebrada. Em vez de flores, pedras de gelo

atiradas pelos racistas, entre eles o presidente do Esporte Clube do Recife, Homero Lacerda.

Afinal, que ligação existe entre a miss Brasil 86 e a miss Pernambuco 88? É que as duas são negras. E negras que não associam beleza física com burrice, como era o caso, até o surgimento delas.

Quando perguntaram a Daise Nunes o que ela gostava de ler, a resposta foi imediata e totalmente diferente daquelas que o público estava acostumado a ouvir: "Gosto de ler tudo que se relacione com o povo negro", e arrematou: "Acho que minha vitória servirá de estímulo para que outras mulheres negras façam o mesmo que fiz".

O que motivou essas reações da miss Ceará e da platéia pernambucana? O racismo. O racismo se manifesta de forma contundente quando o negro se conscientiza, se orgulha de sua raça, e parte para ocupar o espaço que os brancos reservaram só para eles. Quando essa conscientização não acontece, e o negro permanece no "seu lugar", não há conflito entre raças, e o "fenômeno" passa a ser considerado como "democracia racial".

O nosso Axé para você, Ana Maria Guimarães, é o que deseja o Movimento Negro Unificado e toda a comunidade negra de Pernambuco. Você enfrentou os racistas e provou que é uma mulher digna da raça que tem.

Democracia racial

É aquela em que o negro entrou com sangue e fúria com a terra, e o branco ficou com o furo.

Um fato histórico

Em 1938, a frente negra brasileira foi aos governantes de plantão na época exigir a mesma coisa que eles estavam distribuindo para os imigrantes brancos. Ou seja,

terra para plantar. A resposta:

— Tenham calma, só faz 50 anos que vocês foram libertos...
E agora?

Falecimento

A comunidade negra portenha recebeu com tristeza com a morte do companheiro Sérgio, ocorrida no domingo 24 de março. Grande amigo, Sérgio participou no início de suas atividades culturais de organização negra.

Descansa em paz, irmão!

A. X. S.